

## GT69: Regimes de alteridade e construção de antropologias nacionais: Um exercício de antropologia histórica

João Pacheco de Oliveira, Stephen G. Baines

Este GT propõe como tema o encontro entre duas áreas de investigação que tem operado de forma independente. O estudo das identidades tem sido em geral associado à modos de dominação, processos econômicos e políticos, formas religiosas e mágicas com seus reflexos em ontologias próprias. Por sua vez a construção de antropologias é narrada usualmente como um capítulo da história das ciências, algo universal que se desloca no tempo e no espaço somente com alterações exteriores. Enquanto o primeiro parece assentado na escala nacional, a segunda é claramente transnacional. Se focalizarmos tais assuntos em sua íntima interrelação, iremos descobrir novos sentidos e potentes dinamismos. Os regimes de alteridade são produtos de um saber erudito, embasados em teorias científicas e representações artísticas, as quais legitimam igualmente as políticas públicas setoriais. A antropologia, pelos temas que trata, tem raízes e aplicabilidade social maior que outras disciplinas, sendo analiticamente instigante concebê-la não apenas como produto final (tese/livro), mas como resultado de múltiplas constrições que regulam a possibilidade das pesquisas, determinam a estrutura da situação etnográfica e controlam a circulação e uso dos seus produtos. Ao invés da normatividade de paradigmas científicos, ela se desvendará como artefato social e histórico permeado por regimes de alteridade. Explorar em termos etnográficos a interrelação entre estas duas áreas de pesquisa é o objetivo deste GT.

### **Etnografia e Histórias de vida: As Relações entre indígenas e missionários católicos em Roraima**

**Autoria:** Emanuel de Araújo Rabelo

Neste trabalho analisaremos as narrativas das relações interétnicas e de contato entre os indígenas da etnia Macuxi e os missionários católicos. Partiremos da construção de uma etnografia das atividades das missões religiosas católicas de caráter sociopolítico. Explicaremos os processos de alteridade, agenciamentos e conflitos existentes na formação da organização sociopolítica e da homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Nesse entendimento, diante a esse contexto de pesquisa faremos uso da etnografia com base nas discussões que fundamentam esse modo de pesquisar. Segundo Da Matta (1978), durante anos a Antropologia Social esteve preocupada em estabelecer com precisão cada vez maiores suas rotinas de pesquisa, ou, como é também chamado o exercício do ofício na sua prática mais imediata, do trabalho de campo. Portanto, a prática etnográfica não tem uma norma técnica específica, vai depender em qual contexto antropológico o pesquisador estará, e quais tipos de ferramentas ele pode recorrer na atividade de campo, que, na maior parte, podem ser revistas, reinterpretadas e compreendidas de acordo com o grupo ou sujeito em que o antropólogo está pesquisando. Além disso, o processo deste terceiro capítulo é a identificação e análise das narrativas que foram colocadas pelos interlocutores. De um aporte documental sobre uma ata de assembleia dos povos indígenas recente, que está em constante diálogo com missionários católicos, mas com alta autonomia sociopolítica e étnica em especial a partir da pré-homologação nos anos de 1980 e no pós-homologação depois de 2005 na TI Raposa Serra do Sol.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

